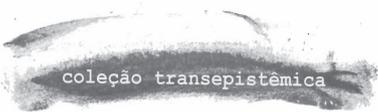


JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

Relatos de uma
profissão em crise



coleção transepistêmica

A *Coleção Transepistêmica* apresenta resultados de pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Unicamp com o objetivo de ampliar o acesso e reafirmar a importância do conhecimento em ciências humanas e sociais. A caminho de completar 40 anos, o PPGCS foi fundamental na consolidação e na expansão do ensino e da pesquisa em Ciências Sociais no Brasil. Ao longo de sua trajetória, vem sustentando a proposta de que o olhar para um determinado tema, linha ou sujeito de pesquisa deve ser múltiplo e fundamentado teórica e metodologicamente de maneira inter, multi e transdisciplinar. A incorporação de olhares que não ocupam um espaço pré-definido e as descobertas que advêm da experiência de se encontrar numa posição insólita são condições para a produção de conhecimentos que atravessam diferentes campos disciplinares. Estes são também os efeitos que esperamos produzir nos leitores da *Coleção Transepistêmica*. Que a leitura desloque sua percepção e que as Ciências Sociais cumpram seu papel de descrever e transformar mundos.

Coordenação

Carolina Branco (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Diego Vicentin (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Conselho Editorial

Angela Araújo (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

José Eduardo Leon Szwako (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)

María Elvira Díaz Benítez (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Marilda Aparecida de Menezes (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Regina Facchini (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Rosamaria Giatti Carneiro (Universidade de Brasília – UnB)

Roberto Efreim Filho (Universidade Federal da Paraíba – UFPB / Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

Roberto Marques (Universidade Estadual do Ceará – UECE / Universidade Regional do Cariri – URCA)

Sabrina Finamori (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

Taniele Cristina Rui (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Tom Dwyer (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Zoraide S. Pessoa (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

THALES VILELA LELO

JORNALISMO EM
TRANSFORMAÇÃO

Relatos de uma
profissão em crise

2

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lelo, Thales Vilela

Jornalismo em transformação : relatos de uma profissão em crise / Thales Vilela Lelo. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022. (Coleção *Transepistêmica*)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-617-9

1. Entrevistas (Jornalismo)
2. Jornalismo – Aspectos sociais
3. Jornalismo como profissão
4. Tecnologia da informação e comunicação I. Título.

22-111840

CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo : Comunicação social : Sociologia 302.23

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final pós produção do autor

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Fomento

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais José Urbano Lelo e Rosiana Vilela Lelo, que, mesmo sem nunca terem sonhado saírem da pequena cidade no interior de Minas Gerais onde cresceram, apoiaram resolutamente minha partida ainda jovem para ingressar nas fileiras de uma universidade pública e, mesmo sem que nenhum membro de suas respectivas famílias tivesse aspirado uma carreira como educador no Ensino Superior, sempre me motivaram e, junto comigo, aprenderam sobre as particularidades desta profissão, permeada por efêmeros momentos de euforia em meio a duradouros períodos de silêncio.

Mas esta epifania de ser pesquisador jamais teria sido sequer uma possibilidade se não tivesse conhecido Lorena Caminhas, a mulher que me orgulho de poder chamar de companheira. Estendo estes agradecimentos também aos meus sogros, Márcio Pereira e Cássia Caminhas, por estarem ao nosso lado oferecendo amparo quando foi necessário no decorrer desta jornada.

Agradeço também ao Prof. Roberto Heloani pela acolhida na Unicamp, pela fraterna relação de orientação estabelecida ao longo dos anos e pelo aprendizado em sala de aula, nas atividades do Núcleo de Estudos em Trabalho, Saúde e Subjetividade e no programa de estágio docente.

A mudança para Campinas em 2015 também se tornou mais agradável na companhia dos colegas do Doutorado em Ciências Sociais. Em especial, queria agradecer nominalmente aos parceiros da linha “Trabalho, Política e Sociedade”, Bianca, Juliana, Patrícia, Pedro e Thaís, pelos instigantes diálogos que estabelecemos, sobretudo informalmente, e que incontestavelmente influenciaram na condução desta pesquisa.

Saliento também a inestimável contribuição fornecida pelas Professoras Márcia Leite e Roseli Fígaro no formato de uma rigorosa e generosa arguição ao texto de qualificação desta pesquisa apresentado em 2017. Extraíndo daquela versão potencialidades que poderiam ser desenvolvidas ulteriormente, indicaram também as arestas a serem lapidadas. Em igual medida, agradeço também aos Professores Jacques Mick e Vander Casaqui, que integraram a banca de defesa da tese agora apresentada em livro.

Resultados preliminares desta investigação foram apresentados em 2017 e 2018 nos encontros da Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Agradeço aos colegas deste grupo pelas acertadas críticas e sugestões feitas a estes trabalhos, prontamente acolhidas nesta redação, muito embora as eventuais imprecisões que permaneçam sejam de minha total responsabilidade.

Sou grato também ao apoio concedido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), representada por Maria José Braga, e ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), na pessoa de Vítor Ribeiro, pelo apoio na divulgação dos questionários que integraram o corpus desta pesquisa, bem como às centenas de profissionais que concederam seu tempo e partilharam gentilmente seus relatos nas diversas etapas que compuseram a investigação.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via bolsa de Doutorado, Processo 140857/2015-0.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	19
1. QUANDO AS TRANSFORMAÇÕES NO CAPITALISMO INCIDEM NO JORNALISMO	25
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3. UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL EM RISCO?	61
4. DESIGUALDADES DE GÊNERO NA IMPRENSA	89
5. ASSÉDIO MORAL NO JORNALISMO DIGITAL	129
6. O SOFRIMENTO ÉTICO NO TRABALHO JORNALÍSTICO	159
7. O DESCRÉDITO PELAS ENTIDADES SINDICAIS	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	217

PREFÁCIO

Fico me perguntando por que as/os jovens querem ser jornalistas? Trabalho precário, extensas horas de labor, baixos salários, vínculos sem qualquer garantia de direitos, assédio moral e muitas vezes sofrimento ético e graves problemas de saúde. Tudo isso está fartamente discutido e documentado por entrevistas e rico levantamento bibliográfico feitos nesta obra de Thales Vilela Lelo.

Mas, a pergunta ainda permanece, por que as/os jovens querem ser jornalistas? São 326 cursos presenciais de jornalismo espalhados pelo País.¹ Todos os anos milhares de diplomados chegam ao mercado de trabalho. Mercado em ruínas, no que diz respeito a empregos regulamentados. Mercado jornalístico em acelerado processo de plataformização. Isso significa concentração oligopolizada que necessita da fragmentação, do espalhamento de fornecedores e de produtores de conteúdo, os quais podem ser jornalistas. Um tipo de trabalho desregulamentado, com perfis de multitarefa e polivalência. Isso quer dizer que jornalistas fazem marketing, relações públicas,

1. Dados disponível no Portal e-Mec, Cursos de jornalismo no Brasil. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10/01/2022.

publicidade, gestão, tudo no pacote denominado de produção de conteúdo.

Atenção, não se trata de trabalho em suportes tecnológicos diferentes (mídia escrita, radiofônica ou televisual), no digital *online* cabem todas as linguagens e todas as expertises. Na produção de conteúdo, o domínio discursivo característico do jornalismo perde relevância, porque está atravessado pelos domínios da publicidade e do marketing. Quanto de discurso publicitário e de marketing há na escrita para as redes sociais e para atender às métricas de relevância dos cliques dos buscadores que revertem os dados em publicidade programática? Nesse aspecto ocorre profunda reordenação das rotinas produtivas e dos fundamentos que orientam a produção jornalística.

E por que será que as jovens querem ser jornalistas? Sim, há mais mulheres na profissão. Elas são 58%, segundo a pesquisa Perfil de Jornalistas,² da Rede de Estudos do Trabalho e da Identidade de Jornalistas, coordenada pelos professores Samuel Lima e Jacques Mick, da UFSC. Ficam na profissão até perto dos 40 anos, têm ganhos até cinco salários mínimos, não têm vínculo trabalhista com direitos.³ São muito bem escolarizadas. Além da graduação, 41% possuem especialização, 10% têm mestrado e 2% têm doutorado, conforme mostra Lelo neste livro. Tão jovens, bem formadas, por que aceitar estar fora dos cargos de chefia, por que suportar assédio moral e sexual? A maioria também é solteira e não tem filhos. Casa-se com a profissão? Não. As condições precárias de trabalho não permitem para a maioria ter responsabilidades com companheiro e filhos.

2. O sumário executivo da pesquisa está disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1M9Zs4dDbpLy837POPoT7K7tnWpeAOBL4/view>. Acesso em: 10/01/2022.

3. Os dados da pesquisa “Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano de pandemia de Covid-19?” (Fígaro 2021a), também confirmam os achados de Lelo.

Outro aspecto é que o maior número de mulheres na profissão não significa que o machismo, o assédio e a estigmatização da mulher no trabalho tenham diminuído. Não há relação direta entre o número de mulheres profissionais e a mudança de uma cultura profissional preconceituosa em relação à mulher. Essa é uma reflexão importante que este livro nos proporciona. Nós mulheres temos ainda uma longa trajetória de lutas para conquistar reconhecimento na área.

Questão ainda mais séria diz respeito à saúde física e mental desses profissionais. As pesquisas indicam, desde o início dos anos 2000, que jornalistas sofrem com o excesso das jornadas de trabalho, ritmo acelerado e pressão por produtividade. As recentes pesquisas sobre o trabalho dos comunicadores durante a pandemia de Covid-19 (Fígaro 2021a), no recorte sobre os jornalistas, reiteram que as condições de trabalho, os constrangimentos e o assédio moral levam ao estresse, ansiedade, depressão, esgotamento físico e mental. Esses elementos estão presentes na discussão que Lelo oportuniza e exigem que se faça uma reflexão responsável sobre essas condições de trabalho.

A despeito de toda essa situação, a corrida pela informação cresceu. Nada se faz sem informação, daí talvez a importância de formar jornalistas. No entanto, a informação em demasia, porque desfocada e inútil para o bem comum, serve ao capital e desorganiza a comunidade bem como as instituições de representação. O espalhamento, a descontextualização e a fragmentação fazem parte da lógica estruturante da produção de informação como desinformação. O resultado é a monetização para o capital, e profundas perdas para o trabalho no jornalismo.

Esse quadro bastante dramático tem como contradição a perspectiva civilizatória. Pois, as pessoas precisam de mais informações para orientarem suas vidas nesse sistema social tão complexo. Uma sociedade organizada em torno de valores

civilizatórios requer profissionais capacitados para reportar os acontecimentos para que esses valores se consolidem.

Se o conhecimento e a tecnologia criam condições para que a qualidade de vida possa chegar a todos de maneira sustentável; se a produção de alimentos, energia, saneamento básico, vacinas, entre outros bens, pode alcançar todos os habitantes do planeta graças ao desenvolvimento tecnológico, por que isso não acontece? Essa deveria ser a pergunta principal para orientar a pauta jornalística. Dela derivam milhares de outras perguntas que exigem o trabalho jornalístico de acompanhamento dos fatos. Por isso, o jornalismo tem um papel histórico muito relevante. Quanto mais camadas da população se inserem no cenário da pólis, mais necessárias são as informações para orientar e ampliar tomadas de posições virtuosas em uma escalada transformadora, democrática e de qualidade de vida para todos.

Os conflitos e as contradições são inerentes às lógicas da vida e da história. O jornalismo, no século XX, avançou ao propor-se como uma deontologia que se orienta pela expansão do acesso democrático às informações. Nas configurações contemporâneas, o capitalismo tem seu potencial destrutivo ainda mais elevado. A mercantilização de todos os dados sobre a vida do ser humano e do universo criam um ambiente de alterações das lógicas de produção. O jornalismo, ao se submeter a essas lógicas, entra em um circuito destrutivo. Dessa forma, reiteramos, a sobrevivência do jornalismo está vinculada às práticas profissionais e rotinas produtivas comprometidas com o processo civilizatório inclusivo e relevante para a democratização da sociedade.

Talvez seja essa a resposta à nossa pergunta inicial. As jovens e os jovens buscam o jornalismo porque estão preocupados com o futuro e acham que podem contribuir para

que a vida possa ser melhor para todos. Gosto de acreditar nessa resposta!

Desse modo, este livro contribui para compreendermos os dilemas profissionais do jornalismo, discute os elementos que se mostram mais daninhos ao exercício profissional. Com isso, torna-se um instrumento importante para a tomada de posição por profundas mudanças necessárias nesse campo de trabalho.

*Roseli Fígaro**

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP e coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. Presidenta da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação.

PRÓLOGO

O livro que está agora em suas mãos (ou telas) se trata de uma versão modificada da tese “Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade: tecnologia e manifestações da identidade profissional”, defendida em fevereiro de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Prof. Dr. José Roberto Heloani. À época em que a pesquisa foi desenvolvida, seu principal objetivo era entender uma dimensão até então lateralmente observada pelos estudos em Jornalismo no Brasil: os impactos culturais e sociais das transformações no mundo do trabalho dos comunicadores que estavam ocorrendo no país ao menos desde 2010. A popularização da Internet e a consequente migração de veículos impressos para as mídias digitais provocaram um abalo sísmico no mercado editorial como um todo e, especificamente na imprensa, estas transformações representaram uma forçosa reconfiguração nos modelos de financiamento e gestão até então adotados pelas empresas de comunicação.

Naquele momento, a repercussão mais tangível deste processo no trabalho jornalístico eram as notícias de demissões em massa em alguns dos principais conglomerados de mídia do Brasil, mas pouco se falava sobre como as reestruturações produtivas no setor incidiam na cultura profissional e,

especialmente, nas trajetórias de mulheres e homens que optaram por seguir esta carreira. Entre 2015 e 2018 me dediquei a esta tarefa com o propósito de compreender, ao menos no Estado de São Paulo, os reflexos das transformações nos mercados de mídia nas condições de trabalho e saúde dos jornalistas.

Passados quase três anos da época da defesa da tese que resultou neste livro, fato é que as pesquisas sobre o tema não mais ocupam a periferia dos estudos em Jornalismo. Em certa medida, a recente publicação de uma diversidade de obras na área decorre de uma intensificação dos processos de reestruturação em curso no mundo do trabalho dos comunicadores. De 2019 para cá, o jornalismo brasileiro vem sendo cada vez mais influenciado editorial e economicamente pelo mercado digital, em especial pelos serviços oferecidos pelas *big techs* do Vale do Silício (a exemplo de Meta, Google e Twitter). No período em que originalmente escrevia este texto esta realidade já acenava no horizonte, mas seu agravamento no Brasil caminhou em paralelo a um acontecimento global com reverberações que ainda precisaremos de um tempo para compreender: a pandemia da COVID-19, declarada em fevereiro de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Alguns relatórios produzidos sobre o assunto, a exemplo do recente documento publicado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPECT) da Universidade de São Paulo (USP) (Fígaro 2021a), apontam tanto para a permanência de formas de precarização no setor já bem documentadas (como as remunerações abaixo do piso) quanto para a intensificação de outras que já se acenavam à época em que esta pesquisa era desenvolvida (como a ampliação das jornadas e do ritmo de trabalho). O estabelecimento do *home office*, consensualmente entendido como uma medida eficaz de distanciamento social para conter o espalhamento do Sars-CoV-2, representou para os conglomerados de mídia uma oportunidade de reduzir custos nas organizações e aumentar o expediente. Em paralelo, tornou os veículos de mídia ainda mais dependentes das plataformas

digitais, seja para comunicação entre os funcionários, seja para produção jornalística.

A atual conjuntura reforça a importância da pesquisa sobre o trabalho dos comunicadores como meio de observação do presente estado de coisas com vistas à discussão crítica das problemáticas que dele emergem. Dada a importância do jornalismo para a sociedade, não restam dúvidas de que é necessário analisar seus processos produtivos e os profissionais que dele participam. Conforme muito bem evidencia Nicoletti (2019), a qualidade da informação resulta também das condições laborais daqueles que a produzem.

Portanto, este livro visa contribuir com esta literatura olhando para o mundo do trabalho dos jornalistas a partir de um contexto pré-pandêmico. No processo de revisão do texto para publicação, procurei sintetizar o material original de forma a conferir ainda mais destaque aos seus principais achados e tornar a leitura mais acessível e agradável para públicos diversos. No entanto, optei por não atualizar o material à luz dos eventos e de bibliografia mais recente por considerar que toda pesquisa reflete certo momento histórico.

Entre 2019 e 2021, diversos artigos resultantes deste estudo foram publicados em periódicos nacionais e internacionais de referência. No livro procuro incorporar algumas das valiosas sugestões dos avaliadores anônimos destas diferentes publicações que tiveram acesso a versões parciais da pesquisa. Todavia, as eventuais imprecisões que eventualmente persistam no texto são de minha inteira responsabilidade.

Encerro este epílogo com a expectativa de que este livro provoque em você o mesmo espírito de inquietação com a realidade que me despertou quando o li em sua totalidade pela primeira vez. Boa leitura.

Thales Vilela Lelo

2 de dezembro de 2021

INTRODUÇÃO

Esta obra parte de um contexto de intensas transformações no capitalismo e nas empresas jornalísticas brasileiras com o objetivo de compreender como a identidade* dos comunicadores é reconfigurada à luz de um cenário de reestruturações nas organizações de mídia, de mudanças em seus modelos de gestão e de incorporação de novas tecnologias de comunicação e informação (TICs) nas redações. Ademais, busca também entender como os jornalistas lidam com as condições de trabalho aos quais estão submetidos e atribuem significado aos sofrimentos experimentados em suas trajetórias.

A pesquisa se configura como um estudo de caso (Yin 1993) baseado em extensa investigação empírica com jornalistas profissionais que atuavam no Estado de São Paulo entre dezembro de 2015 e janeiro de 2017. O procedimento metodológico adotado neste estudo envolveu uma triangulação de métodos quantitativos e qualitativos, com aplicação de dois

* Em consonância a Hall (2000), a identidade é apreendida como uma construção permanente e dialógica que envolve um processo discursivo de fechamento de marcação de fronteiras simbólicas (definindo aquilo que é a alteridade de uma determinada forma de identificação) e de produção de subjetividades. Esta noção discursiva de identidade é incorporada na literatura sobre o mundo do trabalho dos jornalistas, a exemplo dos trabalhos de Albuquerque (2004) e Pereira e Maia (2016).

surveys e a realização de 15 entrevistas semiestruturadas com profissionais com passagem em empresas de mídia que operam no ambiente digital.

Esta investigação justifica-se pela literatura especializada ainda incipiente que discorre sobre o jornalismo do ponto de vista do trabalho e, sobretudo, pelo prisma das reestruturações produtivas originárias de transformações no capitalismo e em sua racionalidade hegemônica. Salvo raras exceções, nos estudos clássicos da sociologia do jornalismo há, de um lado, um destaque acentuado nos critérios de filtragem (White 1999) e definição dos tipos de acontecimento aptos a receberem cobertura noticiosa (Gans 1979; Molotch e Lester 2001; Tuchman 1973), de outro, atenção privilegiada é conferida às práticas de socialização em uma cultura profissional caracterizada por valores éticos estrategicamente acionados na resolução de impasses vivenciados cotidianamente (Bourdieu 1996; Breed 1955; Taquina 2005; Tuchman 1999), e aos processos de progressiva formalização do campo jornalístico (Ruellan 1992, 2004, 2007b).

Em meados dos anos de 1980, ao menos em aspecto nacional, a publicação das obras de Ciro Marcondes Filho (1986) e Adelmo Genro Filho (1987) (ambas inspiradas pela teoria marxista) inauguram uma tradição de investigações debruçadas em apreender de uma perspectiva crítica os laços entre imprensa e capitalismo. No início dos anos 2000 o lastro de estudos dedicados a apreender as mutações nas empresas de comunicação a partir do advento do jornalismo digital foi consideravelmente ampliado, seja para questionar o contraste entre os princípios deontológicos estabelecidos pelo campo e as práticas de publicação pautadas pelo ascendente fetiche do “tempo real” (Moretszohn 2002), ou ainda para descrever as mudanças na identidade do jornalista e em suas condições de trabalho neste novo horizonte (Adghirni 2001).

Nos últimos anos houve uma profusão louvável, embora ainda não tão expressiva, de estudos dedicados a compreender, seja em perspectiva descritiva, seja em escopo mais teórico, tais transformações no mercado e suas incidências nos processos de trabalho dos comunicadores (Fonseca e Kuhn 2009; Pereira e Adghirni 2011; Lima 2012, 2015; Mendonça, Pereira e Adghirni 2012; Pereira 2013; Fígaro 2011, 2013, 2014a; Renault 2013; Moretzsohn 2014; Renault, Cataldo 2015), na composição sócio profissional da categoria (Mick e Lima 2013; Fígaro, Lima e Grohmann 2013; Mick e Estayno 2018) e as reverberações à saúde dos profissionais do setor (Heloani 2005; Reimberg 2015; Bulhões e Renault 2016; Lima 2018). Este estudo objetiva, portanto, contribuir para esta ascendente literatura, se propondo a incidir nestas três dimensões por meio de investigação eminentemente empírica.

O texto está subdividido em sete seções, organizadas da seguinte forma: com o intuito de se acercar das interrogações condutoras da pesquisa, a análise é precedida por um capítulo teórico, intitulado “Quando as transformações no capitalismo incidem no jornalismo”, em que três pressupostos que sustentam a investigação são apresentados, quais sejam: a) o capitalismo sofreu transformações em sua racionalidade hegemônica que impactaram em profundas e heterogêneas mutações no mundo do trabalho; b) neste cenário de reestruturações não se deve recair na tendência (frequente em certos filões da teoria social) de subestimação da importância do trabalho para a vida social; c) o campo jornalístico não deve ser analisado em dissociação às reconfigurações que afetam as demais esferas produtivas.

Na sequência desta contextualização que ambiciona, sobremaneira, evidenciar em aspecto macroestrutural os vínculos entre as transformações no “espírito” do capitalismo e suas reverberações nas reestruturações no mundo do trabalho dos jornalistas, o capítulo subsequente é dedicado a elucidar os procedimentos metodológicos que serão adotados no decurso

da análise, caracterizando a proposta nos marcos da pesquisa social, descrevendo as estratégias empregadas para coleta dos dados que compuseram o *corpus* e apontando os desafios que emergiram em cada etapa do processo.

Sob o título de “Uma identidade profissional em risco?”, o primeiro capítulo de incursão ao *corpus* parte do cenário de demissão em massa em alguns dos principais veículos de comunicação no Estado de São Paulo a partir dos anos de 2010, explorando dados (em aspecto geral e geograficamente segmentado) que evidenciam o sistemático descumprimento das leis trabalhistas e acordos coletivos da categoria no que diz respeito ao rendimento médio, às jornadas de trabalho e ao recebimento dos subsídios complementares ao salário (a exemplo das horas extra e do auxílio-alimentação). Na sequência, são tecidas inferências sobre os efeitos variados deste quadro na trajetória dos profissionais que atuam em regiões diversas do Estado. Em seguida, indicadores de estabilidade no emprego (mobilidade, regime de contratação e pagamento de gratificações) são discriminados por faixa etária, evidenciando como a deterioração acentuada das condições de trabalho no mercado jornalístico (com alastramento de regimes precários de contratação e alta rotatividade de postos) tem afetado mais duramente os profissionais mais experientes na área - profissionais estes que seriam responsáveis, em tese, por compartilhar a “cultura do ofício” com as novas gerações de repórteres. Em uma excursão aos depoimentos provenientes das entrevistas semiestruturadas serão tecidas, por fim, inferências críticas sobre os obstáculos à socialização dos ingressantes na carreira nesta conjuntura.

Em “Desigualdades de gênero na imprensa”, outra consequência das reestruturações produtivas nas organizações de mídia será examinada: a progressiva feminização do setor. O fenômeno será tratado a partir do diagnóstico oferecido por expoentes da sociologia do trabalho de que há um nex

indissociável entre feminização e precariedade laboral. Assim, será possível estabelecer um contraste crítico entre esta perspectiva e uma abordagem dos estudos em jornalismo que tem refletido sobre a questão de um viés excessivamente otimista (como se a ampliação quantitativa de postos de trabalho para mulheres nas redações representasse, *per se*, a superação das desigualdades de gênero que incidem no setor). As assimetrias que acometem particularmente as comunicadoras neste cenário de reestruturações serão averiguadas por quatro eixos de análise, cada um deles cotejado por dados extraídos do *corpus* da pesquisa: no campo da divisão sexual do trabalho, no âmbito das culturas organizacional e profissional, e no seio das rotinas produtivas.

O capítulo seguinte, “Assédio moral no jornalismo digital” expande a discussão sobre assédio nas redações o entendendo como uma vivência dolorosa recorrente na trajetória de comunicadores que atuam em portais de notícia com cobertura em tempo real. São esmiuçados os impactos nocivos do encurtamento dos regimes de publicação e da popularização das métricas de mensuração do tráfego em rede para a atividade profissional. Propõe-se também a debater certa relativização do assédio na imprensa por parte dos próprios jornalistas, que amiúde racionalizam condutas abusivas como se estas fossem intrínsecas à cobertura 24/7.

Na sequência, no capítulo “O sofrimento ético no trabalho jornalístico”, pretende-se conceituar um fenômeno recorrente nas trajetórias de jornalistas brasileiros e escassamente documentado pela literatura, a saber, o sofrimento ético. Tencionando duas chaves explicativas oferecidas pela sociologia do jornalismo que tomam relatos de infração aos códigos deontológicos como sintoma da inconsciência de classe entre os comunicadores ou como resultado das transformações nas organizações de mídia, este estudo recupera o arcabouço da economia política da comunicação para demonstrar a persistência histórica do sofrimento ético na imprensa. O capítulo também

discute como a ausência de políticas de reconhecimento nas redações, atrelada a condições laborais precárias, produz danos à saúde física e mental dos jornalistas, contribuindo para o seu desestímulo com a carreira. Esta seção também irá descortinar as estratégias adotadas pelos profissionais para lidarem com as condições laborais aos quais estão submetidos, com ênfase para as resistências táticas aos desrespeitos sofridos.

No capítulo intitulado “O descrédito pelas entidades sindicais”, discute-se o desapareço dos jornalistas pelos mecanismos de ação coletiva (como as entidades sindicais), que em tese poderiam fazer frente à contínua precarização no setor. Aqui o estudo se vale dos indicadores de engajamento sindical da categoria e pela literatura sobre o sindicalismo no Brasil. Tematizando tal crise de representatividade como consequência da atomização dos profissionais entremeada a formas ideológicas de reconhecimento, argumenta-se que o seu resultado mais problemático é o de contribuir para a normalização de condições laborais insatisfatórias e limitar mesmo formas de mobilização menos institucionalizadas.

Por fim, nas considerações, as indagações norteadoras do estudo serão retomadas à luz dos resultados apresentados em cada um dos capítulos. Esta amarração final permitirá tecer inferências mais amplas sobre os processos de reestruturação em curso no jornalismo à luz das transformações no mundo do trabalho e na racionalidade no capitalismo, sem perder de vista as contribuições da análise crítica para eventuais processos de mobilização coletiva.